ARTIGOS

A Geografia e sua afirmação como ciência no Brasil ou A afirmação da geografia no Brasil: da ciência à prática espacial

José Borzacchiello da Silva*

I – Considerações Iniciais

A geografia brasileira firmou-se como importante campo do conhecimento com enorme capacidade de análise teórica e de aplicação técnica. Trata-se de um saber que se traduz pela vertente didático-pedagógica na forma de disciplina escolar, o que caracteriza a formação de professores nos cursos de licenciatura. O bacharelado por sua vez, volta sua empregabilidade no campo técnico. O aprofundamento teórico-metodológico norteia as duas vertentes. Munida de farta bibliografia produzida em vários idiomas constituída de livros, periódicos, manuais, sites, bibliotecas virtuais, atlas e equipamentos de medida e de controle que fundamentam a coleta de material, os experimentos e as simulações. A constatação de um contexto extremamente positivo para a ciência geográfica motivou a feitura do presente artigo que objetiva relacionar sua organização no Brasil desde sua consolidação, tendo como pano de fundo um país chamado Brasil em situação de isolamento, ou melhor, ilhado, o que justifica a formação desse país "continente", com mais de 210 milhões de habitantes que se comunicam através da língua portuguesa, SANTANA, C. (2020)[2] enquanto a maioria absoluta dos países da América

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

2 SANTANA, Caio, (2020) Apesar de ser praticamente homogêneo em todo o território nacional, apenas com distinções de sotaques e regionalismos dependendo do local onde é falado, o português praticado no Brasil não é a única língua do País. Além do português oficial, há mais de uma centena de línguas faladas em nosso território. São as línguas

do Sul se comunica majoritariamente através do idioma castelhano. A formação territorial do Brasil é fundamental para explicar essa situação de isolamento, esse "dar as costas" para a América do Sul, e estabelecer pouco contato com a África, mesmo estando "de frente" a ela. Historicamente, as relações basilares tecidas pelo Brasil foram construídas com o hemisfério norte. Entretanto, considerando o contingente de população de origem africana no país, causa estranheza esse afastamento da África, especialmente daqueles países falantes de língua portuguesa. Seja pela dimensão de seu território, seja pela expressão numérica de sua população, denota-se que esse processo é antigo. Levando-se em conta a concentração demográfica que se estende ao longo do litoral, ocupando uma estreita faixa que pouco ultrapassa os duzentos quilômetros, os contatos com a África, tão intensos no passado, estão esmaecidos e são poucos os brasileiros preocupados em buscar suas raízes.

A fisionomia geográfica do país se alterava. A expansão para o oeste tinha o objetivo de ultrapassar os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, FONSECA, (S/D, p.5)[3] o que resultou, após disputas diplomáticas e vários tratados, na configuração atual da linha de fronteiras do país. Esse processo de povoamento e ocupação do território do Brasil não resultou em contato e assimilação cultural dos povos vizinhos. Ao contrário, o país crescia territorialmente, demarcava a posse onde assentava infraestrutura e serviços de segurança, com a construção de fortificações, voltando-se, cada vez mais, para e, em si, sem negar, no entanto, sua excepcional atração pelo hemisfério norte, onde estão as raízes

indígenas, que correm sérios riscos de desaparecer nos próximos 100 anos, caso siga-se uma tendência: diminuição do número de falantes e com as crianças já abandonando o aprendizado nas comunidades. IN:Um Brasil de 154 línguas, Jornal da USP. https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas/ Acesso em 14.09.2021

3 FONSECA, Dante Ribeiro da. Esse caráter expansionista atribuído às bandeiras foi mais praticado nas áreas periféricas aos centros políticos e econômicos coloniais. São Paulo e Belém do Pará foram os núcleos irradiadores das ações que vieram a romper com os limites de Tordesilhas. Os processos de conquista e ocupação portuguesa, efetivos na bacia do rio Amazonas, podem ser situados entre construção do Forte do Presépio, origem da atual cidade de Belém, em 1616, até o Tratado de Madri (1750). No norte da colônia, é a partir de Belém que se dá o avanço sobre Tordesilhas. O Tratado de Madri representa o início da consolidação jurídica do processo de consolidação portuguesa para oeste de Tordesilhas. IN: http://www.uel.br/cch/his/ISNHM/AnaisPDF/danterfonseca.pdf S/D. p. 5. Acesso em 06/09/2021.

da dominação europeia sobres os povos originários, antigos ocupantes da *terra brasilis*.[4]

A abordagem do isolamento brasileiro em relação aos países vizinhos e os africanos, especialmente os de língua portuguesa não se pauta no estabelecimento de uma percepção ou afirmação de uma relação de superioridade do Brasil. Não é isso. Pretende-se simplesmente, numa perspectiva escalar, mostrar as possibilidades de somar numa política de intercâmbio, tendo em vista a afirmação da geografia brasileira, pois se trata de uma ciência também moldada para intensificar relações entre os diferentes países. Os fatos geográficos desconhecem limites e fronteiras. A divisão política em todos os níveis ocorre a partir das relações sociais. No passado a geografia brasileira alcançou excepcional desempenho na delimitação das áreas de fronteira com seus países limítrofes. Já com os africanos, falantes de língua portuguesa, a geografia científica apresenta-se viva, dinâmica, diversa e fértil. O contato com esses países permite identificar as semelhanças e as diferenças e despertar curiosidade em torno dos temas do isolamento marcante, mantido pelo Brasil.

Ciência construída a partir de embasamento teórico de origem europeia, especialmente francesa, trazida de forma oficial ao país através da criação do primeiro curso superior de Geografia, instalado em 1934, na recém criada Universidade de São Paulo – USP[5]. Pierre Deffontaines e, em seguida, Pierre Monbeig exerceram forte influência na consolidação da geografia no Brasil, especialmente, na cidade de São Paulo. Outra medida pioneira da USP consistiu na criação dos primeiros programas de pós-graduação em geografia, oficializados pelos órgãos de fomento à pesquisa e ao ensino como a CAPES e o CNPq. Em 1971, o Departamento de Geografia criou os Programas de Pós-Graduação em Geografia Humana e Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, nas modalidades de Mestrado e de Doutorado. A implantação dos cursos de graduação e de pós-graduação na USP desencadeou a instalação de cursos similares

4 É o termo utilizado para denominar o Brasil antes da chegada dos Europeus, a terra dos índios. .A expressão "**terra brasilis**" já aparecia em mapas dos séculos XVI e XVII, como por exemplo o mapa feito por Pedro Reinel e Lopo Homem em 1519. IN: https://www.dicionarioinformal.com.br/terra+brasilis/ Acesso em 06.09.2021

5 Foi criado o curso superior de Geografia e História que só se desmembrou na década de 1950, constituindo os Departamentos de Geografia e o de História,

noutras cidades brasileiras, especialmente, no Rio de Janeiro, onde o primeiro curso de graduação iniciou suas atividades em 1936 e o de pós-graduação em 1972. À medida que o país se urbanizava, aumentava o número de cursos de graduação em geografia. Os primeiros localizavam-se nas capitais dos estados e rapidamente, expandiram-se por outras cidades do interior. O mesmo aconteceu com a pós-graduação em Geografia que conheceu um surto de crescimento a partir da década de 1990.

O conhecimento geográfico era apenas reconhecido por sua capacidade de construir perfis, mapas, gráficos e imagens de lugares desconhecidos. No plano da gestão, a geografia, apesar de seu caráter generalizante, consegue produzir descrições e atlas capazes de provocar enorme interesse oficial no trato de questões voltadas à defesa e soberania, além das ligadas à gestão do território. A expansão colonial tinha na geografia o saber fundamental. A Europa dinamizada pela expansão de seu mercado e a crescente necessidade de matérias primas criava ambientes onde se reuniam autoridades, industriais, comerciantes, armadores e intelectuais. Surgiam as sociedades de Geografia como as de Paris, de 1821, a de Berlim criada em 1828, a de Londres de 1830. Mais tarde foi criada a Sociedade de Geografia de Lisboa em 1875 e, no Brasil, cria-se a Sociedade Brasileira de Geografia, em 1883, no Rio de Janeiro, Entre nós não tardaria a criação do Instituto Ceará,[6] fundado em 1887 abrigando gestores e intelectuais interessados em aprofundar o conhecimento sobre o Ceará nas áreas de História, Geografia e Antropologia. (anexos, 1, 2 e 3).

A geografia se firmava e enquanto saber continua despertando interesse e curiosidade na maioria das pessoas independente da idade. Entretanto, quanto aos países da América do Sul e aos da África notadamente, os membros da PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, chama a atenção o desconhecimento geográfico do cidadão brasileiro.

6 O site da instituição informa que "O Instituto do Ceará foi fundado em 4 de março de 1887, sendo a mais antiga instituição cultural do nosso estado e uma das mais antigas do Brasil. A instituição tem como finalidade o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e ciências afins, especialmente no tocante ao Ceará". IN: https://www.institutodoceara.org.br/instituto.php Acesso em 15.09.2021

II – O Brasil e sua geografia

O Brasil, guardadas as suas dimensões e seu processo de povoamento, permaneceu por muito tempo voltado para o seu interior, seja na condição de colônia ou no período do império ou já na república. Antes da chegada dos portugueses, a costa era ocupada por diferentes nações indígenas. O litoral foi a base da ocupação portuguesa e de estrangeiros que se fixaram, mesmo que temporariamente, no país. O mais duradouro foi o período do domínio holandês que se estendeu de 1630 a 1654, que se instalou em Recife, no Nordeste brasileiro. No litoral, os portugueses criaram feitorias e fortificações o que lhes garantiu a posse definitiva do território. Preocuparam-se também em construir fortes nas principais bacias hidrográficas no interior, especialmente, nas áreas de contato com a expansão da ocupação hispânica para o leste da América do Sul. Concordamos com MELLO E SOUZA (1999.P.337)[7] quando afirma que

> "O mundo português foi patrimonial, e não feudal. A cidade predominou sobre o campo, impulsionada pela economia de mercado do capitalismo comercial e monárquico que, desde então, fazia do príncipe 'o senhor da espada e das trocas'. Apesar de grande parte das rendas vir da terra, o agrarismo de Portugal nunca chegou a ser profundo, e desde a Reconquista o comércio marítimo e a formação territorial andaram juntos, quase indissociáveis"

As feitorias, marca da inscrição dos portugueses em território brasileiro, comprovam essa habilidade dos lusitanos na arte do comércio. As feitorias eram verdadeiros balcões de negócio instalados no Brasil antes da atividade agrícola ou de fundação de cidades. A busca de riquezas justificava a expnsão portuguesa pelo interior. Construia-se no país uma geografia de base cartográfica[8] e descrita por viajantes, cientistas, artistas,

7 MELLO E SOUZA, Laura. *Raymundo Faoro: Os donos do poder* IN: MOTA, L. D. Introdução ao Brasil – Um Banquete No Trópico, São Paulo, Editora SENAC, 1999, PP. 335/355,

8 Quanto aos documentos cartográficos portugueses que retratam o Brasil, o primeiro foi o denominado Planisfério de Cantino, existente na Biblioteca de Estense, em Módena (Itália). Foi elaborado em 1502 por um cartógrafo português anônimo, que se baseou no padrão real [9]. O trabalho foi realizado mediante suborno praticado por Alberto Cantino, agente

cartógrafos e desenhistas. A leitura do território a partir de exaustivo trabalho de observação, revelava a complexidade da natureza desse vasto mundo tropical e a presença de ameríndios belicosos ou passíveis de alianças. Havia uma enorme diferença entre os habitantes originais e o que viria ser o Brasil com a chegada dos colonizadores. Culturalmente diferentes entre eles e mais ainda, entre os portugueses, os ameríndios desconheciam o significado capitalista da mercadoria, inserida numa economia de troca, bem como o princípio da e de propriedade. Não faziam reservas, não acumulavam nem bens, nem capital. Tinham domínio sobre o ambiente e extraiam dele a satisfação de todas as suas necessidades. A chegada dos estrangeiros alterou, sobremaneira, a distribuição e o modo de vida dessas nações no território do que viria a ser chamado de Brasil. As sucessivas investidas dos colonizadores eram marcadas por atos de violência que dizimavam aldeias inteiras ou subordinavam os indígenas às normas européias impostas pelo mundo do trabalho e pela tradição cristã que, como coloca ALENCASTRO (2000. P. 337)[9]

> "A partir da bandeira de Domingos Barbosa Calheiros e Bernardo Sanches de Aguiar (1657), contratada em São Paulo pelo governador-geral da Bahia para desbaratar as aldeias paiaiases da serra do Orobó, no sertão baiano, paulistas práticos na caça de índios para o cativeiro convertem-se em exterminadores de comunidades indígenas e afro-brasileiras. A ponto de a Coroa intervir para refrear a violência dos bandeirantes. Carta régia de 1692 denuncia que os paulistas, contratados no Pará como 'eficaz remédio para a extinção dos tapuias de corso', investiam também o Ceará, atacando os indígenas dos aldeamentos da serra de Ibiapaba 'já há muito tempo domesticados' pelos jesuítas'".

italiano, a serviço de Hércules d'Este, Duque de Ferrara, que por ele pagou 12 ducados de ouro. A Biblioteca Nacional possui parte referente ao Ocidente, numa reprodução impressa do século XX.. O Brasil foi também representado na cartografia alemã, portuguesa e italiana, no início do século XVI, como, por exemplo, o planisfério de Waldseemüller, de 1507, existente na Biblioteca do Congresso, em Washington. A Biblioteca Nacional possui o fac-símile datado de 1903. IN: A B9blioteca Nacional Digital, CARTOGRAFIA HISTÓRICA: DO SÉCULO XVI AO XVIII, https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/a-representacao-cartografica-no-brasil-colonial-na-colecao-da-biblioteca-nacional/ Acesso em 06.09.2021.

9 ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O Trato dos Viventes, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 337.

À medida que se ocupava o território, os índios dos aldeamentos ainda não dizimados, embrenhavam-se mata adentro, afastando-se da faixa litorânea. Construia-se uma geografia do isolamento, em relação aos povos originários da terra. Na faixa litorânea, os interesses do povoamento voltavam-se para o hemisfério Norte e para a África. Esse olhar voltado para o mar, traduz os traços de uma alteridade assimétrica que perdura até hoje no comportamento do brasileiro. E esse olhar orientava-se mais para a Europa que para África, ao contrário das rotas do passado, quando partiam do Brasil para o litoral africano para traficar os negros que eram vendidos na condição de escravos nos mercados negreiros do Rio de Janeiro, Recife e São Luis. Calcula-se que no Brasil tenham desembarcado mais de quatro milhões de negros escravizados, colocando o país no topo dos que mais receberam escravos africanos. O Rio de Janeiro era o principal mercado e teria recebido cerca de 60% do total. O maior número de desembarques, um milhão, aconteceu no Cais do Valongo.[10] A chegada de negros escravizados provoca mudanças no arranjo territorial brasileiro o que é bem explicado por ALENCASTRO (2000, p.353)[11] ao dizer que

> "no final do século XVII o Brasil formado a partir de Angola estava prontinho. O mercado atlântico impusera o primado do tráfico negreiro, interpretado pela Igreja como uma obra de caridade cristã e de evangelização. O escravismo dominou tudo, a barreira indígena no interior fora destroçada, o território se repovoava dentro do esquadro colonial, o gado se expandia, os mestiços e mulatos furavam o seu lugar. Nas décadas seguintes, a economia do ouro instaura uma divisão internacional do trabalho na América portuguesa, engendra um só mercado e faz isso tudo virar uma coisa só."

Contudo, apesar das raízes históricas, dos vínculos construídos ao longo da extensa faixa de fronteira com seus vizinhos imediatos na

10 Principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas, o Cais do Valongo, localizado no Rio de Janeiro (RJ), passou a integrar Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1º de março de 2017. IN: Cais do Valongo – Rio de Janeiro (RJ). IPHAN, http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/ Acesso em 06.09.2021.

11 ALENCASTRO, Luiz Felipe, O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, São Paulo, Companhia das Letras, 2.000, p. 353.

América do Sul e do intenso comércio travado com os portos da costa ocidental africana, especialmente, os de Angola, o despertar da geografia brasileira para o mundo latino e para os países de língua portuguesa é muito recente. Por mais contraditório que pareça, mesmo sendo um país que mantém limites com a maioria dos países da América do Sul[12] há de se considerar o enorme contingente demográfico formado no Brasil por negros oriundos de vários países da costa ocidental africana, além dos países que mantém unidade linguistica, por serem falantes da língua portuguesa. Sob a perspectiva geográfica há um enorme fosso separando o Brasil no que concerne ao conhecimento e aproximação com seus países limítrofes e, fica maior ainda, quando se refere aos países africanos, em especial, aqueles com forte expressão na formação cultural brasileira. Só nos últimos anos foi articulado intercâmbio com a comunidade de geógrafos dos países africanos, especialmente, os que falam a língua portuguesa. As propostas de políticas e de projetos de aproximação, cooperação e parcerias entre a geografia brasileira e a dos países no âmbito da formação e da pesquisa geográfica com todos os países de mesma matriz liguística, foram arrefecidas nos últimos anos. No momento tem-se a permanência de Portugal, embora não ocorra a total renovação de projetos antigos e aprovação de outros novos. Nesse sentido espera-se que Cabo Verde, Guiné Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste, despertem interesse das agências de fomento capazes de aprovar e financiar projetos de caráter científico que favoreçam maior intercâmbio. Aproximar-se da África tem um significativo papel histórico no processo de reconhecimento e recuparação de nossas raízes

III – O isolamento do Brasil no contexto da América Latina

Discutindo as possibilidades de intercâmbio com países de língua portuguesa a partir da geografia, de chofre deparamo-nos com um tema incômodo que é o do isolamento do Brasil em relação aos países da América Latina e, malgrado as políticas de aproximação, esse isolamento perdura até nossos dias. São muitos os acordos políticos e comerciais

12 O Brasil tem limites terrestres com nove países da América do Sul: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, e com o Departamento Ultramarino Francês da Guiana, numa extensão da ordem de 16.886 quilômetros.

e, na América do Sul merece destaque o Mercosul,[13] além de outros, mantidos com os países africanos, particularmente, aqueles, de onde partiam milhões de pessoas que seriam aqui escravizadas e que criaram as bases de povoamento do território brasileiro, dedicando-se a atividades produtivas que garantiram a inserção do Brasil na economia mundial. Negando uma maior aproximação com seus vizinhos, o país voltou-se para o Atlântico norte, aliando-se aos países da Europa Central e aos Estados Unidos da América. Sob essa ótica a literatura contemporânea científica dedica largo espaço discutindo perspectivas teóricas capazes de explicar o comportamento inferiorizado dos latinos americanos. Surge o conceito de decolonial que se amplia e alcança ampla aplicação voltado à compreensão do lugar do e no mundo dos países chamados de periféricos ou subdesenvolvidos. Segundo MIGNOLO, (2017)[14],

> "A decolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade".

A compreensão do conceito passa pelo pressuposto que toda a racionalidade desses países depende da aprovação daqueles que foram seus colonizadores. BERNARDINO-COSTA & GROSFOGUEL, (2016, p. 19)[15] reforçam essa nova perspectiva teórica e são enfáticos quando dizem que:

13 Mercado Comum do Sul é uma organização intergovernamental fundada a partir do Tratado de Assunção em 26 de março 1991. Estabelece uma integração, inicialmente econômica, configurada atualmente em uma união aduaneira, na qual há livre-comércio intrazona e política comercial comum entre os países-membros. São eles: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela (suspensa desde 2016).

14 MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), pp. 12-32, 2017, p. 15

15 BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado. V. 31, N. 1. Janeiro/Abril 2016. IN: https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf Acesso em 04.09.2021

> "Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também loci enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos."

São muitos os fatores explicativos da frágil relação do Brasil com o resto do mundo, especialmente no que tange à geografia e à geograficidade de sua configuração. Novas formulações teóricas mostram que a subalternidade aparece de imediato e se manifesta num sentimento de inferioridade, de cópia, face à necessidade de voltar-se para o original, para a matriz colonizadora, o que justifica esse olhar fortemente voltado para a Europa. A geografia brasileira enquanto ciência firma-se fortemente, tendo excepcional aceitação nacional. Alguns autores ganham reconhecimento entre os países da América do Sul, principalmente, com a projeção do geógrafo Milton Santos[16] e a repercussão de sua obra. Ele é, inconteste, a nossa maior referência. No que tange à geografia do país, considerando o gigantismo e a diversidade de seu território, o distanciamento permanece, malgrado o avanço de atividades econômicas legais e, principalmente, ilegais que ultrapassam as fronteiras e avançam sobre o território de países vizinhos, como é o caso do contrabando, garimpo e o narcotráfico. Segundo RODRIGUES (2019, p.11).[17]

16 SILVA, José Borzacchiello da (2002) escreveu: Milton Santos ,(1926-2001) se foi, deixando o Brasil mais pobre, no dia 23 de junho de 2001. Intelectual de elevado senso crítico e postura irrepreensível, fazia uma lúcida leitura do mundo, inserindo o Brasil nas teias de uma globalização avassaladora. Homem da mídia, Milton, em 1994, recebeu em França, o Prêmio Vautrin Lud, maior homenagem que um geógrafo pode receber – verdadeiro Nobel da Geografia. Sua notoriedade fê-lo presença frequente nos grandes debates da imprensa. Isso permitia a difusão de suas ideias rumo ao reconhecimento de sua obra. Ao completar 70 anos em 1996, foi homenageado por amigos e ex alunos com a realização do Seminário Internacional "O Mundo do Cidadão – Um Cidadão do Mundo. IN: José Borzacchiello da Silva (2002) entrevista Milton Santos, Revista MERCATOR, http://www.mercator.ufc.br › article › view Acesso em 14.09.2021

17 RODRIGUES, Caio César de Almeida. A ATUAÇÃO DOS PELOTÕES ESPECIAIS DE FRONTEIRA NA AMAZÔNIA NO TOCANTE AO NARCOTRÁFICO E OUTROS CRIMES TRANSFRONTEIRIÇOS NO PERÍODO DE 2015 A 2017. Resende, a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), 2019, p. 11. https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/6054/1/6446.pdf Acesso em 16.09.2021.

"As repercussões do narcotráfico no lado brasileiro da Amazônia são visíveis, principalmente, nos estados do Amapá, Acre e Mato Grosso. A guerrilha se aproveita onde o poder público tem menor capacidade de atuação contra estas irregularidades. Utiliza-se ainda de transportes fluviais locais e que carregam, junto com a droga, produtos típicos, tais como: madeira, castanha e farinha, fato que dificulta ainda mais a atuação das autoridades competentes".

IV – Aproximações geográficas

O advento da geografia científica no Brasil tomou corpo e vários investimentos foram realizados, iniciando com a criação de cursos de geografia que rapidamente se ramificaram pelo país. O caráter científico da geografia conheceu diferentes fases, passando daquela pautada na observação, análise e descrição da extensão e diversidade do território brasileiro, num período em que o poder instalado tinha necessidade e urgência de reconhecer o país em sua extensão e em suas potencialidades, apesar de depender teórica e tecnicamente de referencial estrangeiro, notadamente, europeu. Para esse processo, além da criação dos primeiros cursos de geografia em nível superior foi criado o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1936.[18]

Além da instalação dos primeiros cursos de graduação em geografia em nível superior, a fundação da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros, no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo criou um espaço de exercício intelectual e científico e de interlocução com a geografia produzida no país. De sua criação em 1934, logo se consolidou como a principal entidade da categoria dos geógrafos e instalou

18 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é um instituto público da administração federal brasileira criado em 1934 e instalado em 1936 com o nome de Instituto Nacional de Estatística; seu fundador e grande incentivador foi o estatístico Mário Augusto Teixeira de Freitas. O nome atual data de 1938. Fonte: Linha do tempo – síntese da História do IBGE (1936-2016)
https://memoria.ibge.gov.br/images/memoria/linha-do-tempo/LinhaDoTempoSemImagem.pdf
Acesso em 05.09.2021

seções regionais em várias cidades ampliando o seu quadro de sócios e aumentando o número de participantes em seus eventos científicos.

O reconhecimento internacional, mesmo que parcial da geografia científica brasileira se dá a partir da realização do XVIII Congresso da UGI – União Geográfica Internacional no Rio de Janeiro em 1956, evento que marcou de vez a geografia nacional. Foi a maior amostra da capacidade profissional dos geógrafos brasileiros de ler e interpretar os fatos de natureza geográfica, a partir da realidade do país. Com muito rigor na teoria e no método, a geografia brasileira mostrou-se competente e capaz. Teve o patrocínio oficial, no caso o IBGE que garantiu qualidade em todas as fases do congresso. O evento foi marcante, provocando interesse e admiração nos estrangeiros que visitaram as instalações do Conselho Nacional de Geografia e se impressionaram com a dinâmica e diversidade da produção geográfica brasileira.

Esse acontecimento foi extremamente positivo, pois marcou também a inserção dos profissionais de geografia do Brasil nesse evento de maior expressão mundial. Mais importante ainda foram seus desdobramentos, pois, a partir dele, vários geógrafos foram para o exterior, especialmente para a França e Estados Unidos, onde realizavam cursos de especialização, de mestrado e, em alguns caos, o de doutorado em geografia. Quando retornavam investiam na criação de novos cursos de graduação e pós-graduação em geografia, obtendo êxito nessa atividade posto que hoje o país conta com mais de 75 Programas de pós-graduação.

Em sua trajetória, a geografia brasileira se aperfeiçoa e intensifica seus vínculos com as tendências internacionais, como ocorreu quando da realização do 3°. Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza, em 1978. Esse evento marcou o retorno do Prof. Milton Santos ao Brasil, depois do período de exílio. Sua participação despertou muito interesse da comunidade científica brasileira. Milton Santos volta famoso, com vários livros publicados em francês e inglês que ainda eram desconhecidos do público brasileiro. Retorna ao convívio com seus colegas agebeanos depois de ter lecionado em várias universidades francesas, africanas e americanas. Os encontros e congressos da AGB já eram famosos pela qualidade, por sua organização e reconhecimento pela sociedade científica. Cada evento da entidade representava um marco para todos os que se dedicavam a compreender o dinamismo da geografia no país. Em Fortaleza, em 1978,

foi diferente. Além da organização e qualidade, ele ficou famoso, pois fincou uma ruptura alterando significativamente os rumos da geografia no país. Esse rompimento registra a urgência de revisão da geografia brasileira em várias perspectivas – ensino, pesquisa e extensão, além de clamar por mais oportunidades para os jovens no interior da associação. Mais grave ainda foi a dura crítica feita à postura neutra, característica da geografia produzida e praticada no Brasil. Também foram duramente questionados os estatutos da AGB. Essa ruptura dividiu a categoria. Entretanto, impulsionou geógrafos e professores de geografia a assumir maior dimensão política em suas práticas profissionais, na elaboração de seus textos, nas escolhas dos livros didáticos. A geografia assumida com essa postura crítica exigia novas leituras e interpretações da realidade do país, feitas, agora, noutra perspectiva. Essa tomada de posição dinamizou a ciência geográfica e a elevou a patamares mais altos, no rol das ciências produzidas no Brasil. Se até então tudo que se publicava no país era editado majoritariamente, em periódicos ou outros veículos de divulgação científica, de órgãos oficiais, a partir dos posicionamentos assumidos pós Fortaleza, editoras privadas demonstravam interesse em publicar livros e textos de autores brasileiros ou de traduções de autores estrangeiros. A geografia brasileira ganha corpo e reconhecimento, especialmente nos países da América Latina. Mesmo ocorrendo num processo lento e gradual, essas relações se intensificaram. Não tardaria a especialização de áreas ou setores de nossa ciência se organizar em forma de eventos pautados no fortalecimento da ciência maior – a geografia. São realizados eventos que reúnem os profissionais que orientam suas pesquisas para diferentes setores da geografia como: agrária, urbana, geomorfologia, ensino de geografia, climatologia geográfica, turismo, cultura entre outros. Ganho extraordinário foi o intercâmbio com a América Latina que desenha, aos poucos, os contornos de dimensão continental, com a organização de evento congregando profissionais geógrafos e de outras áreas afins, oriundos de vários países latino-americanos. Trata-se do EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina, hoje, já em sua 18ª edição. O primeiro foi realizado no Brasil em 1987. Aos poucos o Brasil toma consciência de sua importância na América Latina e reconhece suas raízes com a África. A geografia vai rompendo barreiras, acompanhando o fluxo da história e é nesse contexto que são criadas duas novas universidades

no país, incumbidas de desenvolverem políticas de aproximação com a América do Sul e África. São iniciativas de cooperação acadêmica entre universidades englobando múltiplas atividades como assinaturas de convênios, organização de eventos científicos, mobilidade de estudantes e professores, criação de grupos de pesquisa, realização de projetos e publicações conjuntas. São ações que promovem a internacionalização do ensino superior e, ao mesmo tempo, incrementam o desenvolvimento institucional por meio da constituição de redes e saberes compartilhados. Nesta direção, o Brasil protagonizou importante papel quando as relações com África ganham impulso no início do século XXI, principalmente durante o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Dentre os países africanos sobressaem os membros da PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, devido a razões históricas e institucionais, com destaque para Moçambique.

Cabe inscrever essa aproximação nas dinâmicas de cooperação Sul-Sul, que têm como desafio incentivar o desenvolvimento social e econômico baseado na solidariedade entre as nações do Sul, compreendendo a África e a América Latina. No âmbito da educação superior, essa cooperação implica reconhecer a existência de instituições científicas e universidades que, ao trabalhar de forma coordenada e cooperativa, podem ampliar e enriquecer a produção de conhecimento. Trata-se de ações que evidentemente exigem decisão política e recursos para viabilizar investimentos em áreas como ciência e tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, ensino de graduação e pós-graduação.

Após os oitos anos de mandato do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e de uma memorável relação e cooperação com a África, o Brasil começa a apresentar declínio em suas relações internacionais, já com o governo da Presidente Dilma Rousseff (2011-2016), onde sua política externa não dispunha de grandes cooperações. Após o impeachment do Presidente Dilma Rousseff e com Michel Temer (2016-2018) na presidência, muitas incertezas caíram sobre a atuação internacional do Brasil. Então, em 2018, Jair Bolsonaro é eleito presidente, entretanto, desde sua campanha, o atual presidente brasileiro já apresentava falas e posicionamentos duvidosos, principalmente em relação à cooperação Sul-Sul e com importantes parceiros do Brasil.

A relação entre Brasil e os países africanos atualmente se encontra desestruturada e em total retrocesso; toda a cooperação que matinha, hoje se encontra paralisada e sem nenhum interesse de retorno. A política adotada pelo atual governo começa mostrando a volta do alinhamento com os Estados Unidos e indo contra seus principais parceiros comerciais, como a China. As medidas adotadas pelo atual governo acabaram distanciando o Brasil da cooperação Sul-Sul. Observam-se posturas de retração considerando os objetivos políticos de aproximação quando da criação da Universidade da Integração Latino Americana – UNILA, a partir da Lei nº 12.189/2010. A UNILA é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. Com a missão institucional de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul).

No tocante a África, a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB , Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, com a missão institucional específica de formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Trata-se de Autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, com sede na cidade de Redenção, estado do Ceará. As atividades administrativas e acadêmicas da Unilab se concentram nos Estados brasileiros do Ceará e da Bahia. No Ceará, a universidade conta com unidades nos municípios de Redenção e Acarape. Na Bahia, a Unilab está presente no município de São Francisco do Conde.

V - Considerações Finais

E o Brasil prossegue produzindo geografia cada vez mais qualificada, ampliando o nível de internacionalização de seus profissionais e de suas obras. Com a criação dessas duas Universidades voltadas à intensificação das relações com a América Latina e a África a geografia avança e a

prática espacial revela frequentes correntes migratórias, como aconteceu no Pará, na região da Serra Pelada. A Amazônia mostra-se como fronteira de expansão, motivando tanto os fazendeiros do agronegócio como os trabalhadores sem-terra ocasionando conflitos frequentes, inclusive com os defensores da demarcação de terras indígenas. As áreas desmatadas aumentam, os mananciais são prejudicados e as secas frequentes são ameaças de racionamento de água ou de energia. O Brasil continua com sua política solitária de isolamento, apesar da expansão de suas fronteiras. A geografia científica do país firmou-se e foi sendo aplicada para entender e explicar a dinâmica espacial do país. Os mapas apresentavam constante necessidade de atualização à medida que o território brasileiro se alterava em sua forma, até alcançar a atual.

A geografia apoiada nas representações cartográficas do Brasil data de 1534, quando da criação das Capitânias Hereditárias e guarda pouca relação com as do Brasil contemporâneo. A diplomacia brasileira, hábil nas discussões dos conflitos entre divisas e fronteiras, contribuiu para o avanço do território do país em direção norte e oeste. Os acordos e tratados exigiam constantes atualizações cartográficas e detalhadas interpretações geográficas capazes de subsidiar as argumentações. Também as Entradas e Bandeiras foram fundamentais nesse processo e as ações de exploração do território movidas pela ânsia expansionista, dizimavam tribos inteiras de indígenas, motivavam embates com os espanhóis que dominavam um vasto território que abrangia toda a porção andina e a maior parte das terras contidas nas bacias amazônica e platina.

O conhecimento prático da geografia acompanhando os fluxos de povoamento, fundamentou o fato de parte expressiva do Amapá ter sido negociada com a França em período mais recente. O Amapá foi anexado em 1900, encerrando um longo período de litígio iniciado em 1840, conhecido como o Contestado Franco-Brasileiro. O Estado do Acre foi a última porção de território de grande porte anexada ao Brasil a partir de 1903. Os cearenses exerceram expressivo papel nesse processo posto que com a expansão da extração do látex da seringueira eles se fixaram nessas terras. O mapa do Ceará também passou por alterações nas suas representações. Quando comparamos os mapas de 1823 com o de 1890 as mudanças ficam evidentes. Em 1823, o Ceará inteiro comportava 18 municípios. Hoje, são 184. A grande alteração da representação cartográfica do Ceará aconteceu

em 1880 quando parte de terras que pertenciam ao Piauí foram anexadas ao nosso estado, resultado de negociações entre os seus governantes.

Cabe destacar a dinâmica interna da divisão política do território brasileiro com a transformação das Capitanias Hereditárias em províncias e, posteriormente, o advento dos atuais estados e o distrito federal que compõem a Federação desde a Proclamação da República.

A cartografia como base da geografia europeia revolucionou o mundo e desencadeou o movimento das grandes navegações que culminou com a chegada à América. O Tratado de Tordesilhas de 1494 é prova cabal da importância que o Brasil já alcançava antes de 1500. São muitas as peças de mapas e outras formas de representação do Brasil, a maioria trazendo deformação cartográfica quanto à projeção, pois a Europa está na maioria das vezes representada com volume maior que a América do Sul. O eurocentrismo adquire expressão espacial nas projeções cartográficas da Europa[19]. A pujança da natureza brasileira aguçou cobiça e sonhos de exploração, desde a chegada dos exploradores europeus. A paisagem em si já despertava forte interesse, dada a sua diversidade e a exuberância de seus habitantes.

O Brasil foi palco de invasões, lutas. De suas grandes atrações se destaca a fertilidade do solo, fauna e flora exóticas, recursos hídricos abundantes, nudez, ausência do rigor religioso imposto aos cristãos. Tudo isso colocou essa imensa extensão de terras na mira dos governantes europeus que despertaram para o "sonho americano". A tropicalidade exerceu forte poder de atração. Logo foram organizadas muitas viagens e expedições exploradoras financiadas por estados europeus e grupos pré-capitalistas, trazendo cientistas e artistas capazes de descreverem e retratarem a realidade da nova terra. As bases históricas da expansão territorial também explicam o contexto de isolamento. Chegamos ao século XXI sem muita aproximação com as comunidades dos países da América do Sul. O futebol aproxima quanto ao certame e separa, quanto às rivalidades. O ponto de maior conexão do continente sul americano é a tríplice fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Foz do Iguaçu,

19 O matemático, cartógrafo e geógrafo Gerhard Mercator é responsável pela projeção que leva seu sobrenome, concluída em 1569. Seu feito foi projetar a Terra cartograficamente, fazendo com que o quase esférico fosse reproduzido de forma mais fiel possível na superfície plana. IN: https://www.infoescola.com/cartografia/projecao-de-mercator/ Acesso em 18.09.2021

Puerto Iguazú e Ciudad del Este, são importantes pontos de conexão para o comércio e turismo. As Cataratas do Iguaçu e as compras do lado paraguaio garantem uma dinâmica particular nessa zona de fronteira que, entretanto, pouco ultrapassa o perímetro urbano das três cidades. Quanto à África, no Brasil renasce um interesse que não advém do institucional. Grupos de pesquisa, intelectuais, adeptos de religiões de matriz africana, de capoeira entre outros, trabalham na perspectiva de aproximação, de recuperação de línguas ancestrais e outros traços.

O avanço teórico e metodológico da geografia no Brasil e no mundo não abriu mão do caráter instrumental das técnicas de representação do território e seus fortes vínculos com as atividades de colonização e ocupação do espaço através de guerras e revoluções, casamentos que resultaram em anexação de territórios, invasões e destruição de vários povos, muitos organizados em diversos tipos de gestão. A ofensiva travada pelos europeus em sua saga expansionista mostrava-se indiferente a outras formas de cultura. O interesse econômico perpassa todo esse processo. Foi ele que financiou as grandes viagens de navegação, a expansão mercantilista, as duas Grandes Guerras Mundiais e outros eventos ligados a movimentos ideológicos advindos de perspectivas políticas distintas que resultaram na Guerra Fria. Os mapas acompanham os sinais dos tempos. Das cartas antigas, aos mapas digitais de fácil acesso através de telefones celulares às novas cartas siderais que permitem a exploração do espaço. A economia e a política acionam fortemente o processo de atualização da geografia, da cartografia e do geoprocessamento.

E para encerrar esse texto que destaca as conquistas da geografia brasileira focada na dimensão do isolamento do país em relação à África[20] e à América Latina, constatamos que a Terra, nosso velho planeta, insiste

20 O Programa PROÁFRICA, foi criado por intermédio da Portaria MCT n.º 363, de 22 de julho de 2004, e tem por objetivo contribuir para a elevação da capacidade científica tecnológica dos países africanos, por meio do financiamento da mobilidade de cientistas e pesquisadores com atuação em projetos nas áreas selecionadas por sua relevância estratégica e interesse prioritário para a cooperação científico-tecnológica.

De 2005 a 2010 foram lançados 05 editais, perfazendo um total de R$ 9.550.469,86 (nove milhões quinhentos e cinquenta mil quatrocentos e sessenta e nove reais e oitenta e seis centavos) com o financiamento de 190 projetos. Desde 2011 não foram lançadas chamadas específicas e no momento o programa encontra-se em fase de reestruturação. IN: Ministério de Ciência e Tecnologia- CNPq - https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/parcerias/cooperacao-internacional/proafrica - Acesso em 18.09.2021

em revelar novas feições, impondo muitos desafios. Nela a Ciência vai atualizando suas características, tentando novas possibilidades de análise. A Química Fina, a Informática e a Engenharia Genética instauram nova concepção de Ciência, e nesse contexto, a GEOGRAFIA não poderia ficar de fora. Como já dizia Cosgrove[21], "a geografia está em toda parte".

***

ANEXOS

Figura 1 – Folha de rosto do primeiro número da Revista do Instituto do Ceará, editada em 1887.

IN: https://www.institutodoceara.org.br/revista.php **Acesso em 15.09.2021**

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

TOMO I

1.º TRIMESTRE DE 1887

Dedimus profectò grande
patientiæ documentum.

CEARA – 1887

Typ. Economica

21 Denis Edmund Cosgrove (1948-2008) foi um reconhecido geógrafo cultural britânico e professor de geografia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

Figura 2 – Sumário do primeiro número da Revista do Instituto do Ceará, editada em 1887.

IN: https://www.institutodoceara.org.br/revista.php **Acesso em 15.09.2021**

SUMMARIO

Relação nominal dos socios.
Meza administrativa.
Acta da sessão inaugural
Estatutos.
A vida de Antonio Rodrigues Ferreira.
Testamento de Antonio Rodrigues Ferreira.
Memoria inedita apresentada a Junta do Governo do Ceará pelo P.e Vicente José Pereira.
Novas Canções Populares, A secca do Ceará, 1878

Figura 3 – Relação nominal dos Sócios do Instituto do Ceará, constante do primeiro número da Revista do Instituto do Ceará, editada em 1887.

IN: https://www.institutodoceara.org.br/revista.php **Acesso em 15.09.2021**

RELAÇÃO NOMINAL

DOS

SOCIOS DO INSTITUTO DO CEARÁ

Bacharel Antonio Augusto de Vasconcellos.
Antonio Bezerra de Menezes.
Dr. Guilherme Studart.
Joakim de Oliveira Catunda.
P.e Dr. João Augusto da Frota.
João Baptista Perdigão de Oliveira.
Dr. José Sombra.
Julio Cezar da Fonseca Filho.
Juvenal Galeno da Costa e Silva.
Bacharel Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
Bacharel Virgilio Augusto de Moraes.
Bacharel Virgilio Brigido.